

Crianças especiais na pré-escola municipal:

relato de uma experiência

Ana Helena Ferreira de Barros

Eduardo José Manzini

Como citar: BARROS, A. H. F.; MANZINI, E. J. Crianças especiais na pré-escola municipal: relato de uma experiência. *In:* MANZINI, E. J. (org.). **Integração do aluno com deficiência:** Perspectiva e prática pedagógica. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 113-124. DOI:

<https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p113-124>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CRIANÇAS ESPECIAIS NA PRÉ-ESCOLA MUNICIPAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA¹

Ana Helena Ferreira BARROS²

Eduardo José MANZINI³

“Nesta sociedade não há lugar para atitudes como ‘abrir espaço para o deficiente, ou aceitá-lo’, num gesto de solidariedade e depois ir dormir com a sensação de ter sido muito bonzinho. Somos apenas, e isto é o suficiente, cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser”. (Werneck, 1997)

Para começo de conversa

Freqüentam a Rede Municipal de Ensino na qual trabalho, cinco crianças com deficiência que participaram do “choque” de abertura no ensino regular, iniciando a inclusão de crianças especiais nas unidades.

Essas crianças foram bem recebidas apesar da grande dificuldade em saber como lidar com elas. Dentre elas, três são portadoras da Síndrome de Down, que têm como características físicas, traços marcantes como olhos oblíquos, sorriso exacerbado, hipotônicos, mãos

¹ Trabalho final apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial –Unesp/Proesp/Capes. 1997/98.

² Psicóloga Escolar na Secretaria Municipal da Educação de Presidente Prudente.

³ Docente do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp – Campus de Marília e Orientador do presente trabalho.

com dedos arredondados. Estes traços, à primeira vista, também as rotulam como crianças que nunca irão aprender a ler ou escrever, que serão incapazes de se comunicar, de participar da vida social.

Este é o estigma que ronda a nossa sociedade. Apesar de várias campanhas na TV, tais como a da cantora Daniela Mercury e “seus amiguinhos da rua” e também a de “Carlinhos e seu amiguinho”: Carlinhos nada todos os dias, seu amiguinho, a sociedade ainda está mal informada sobre as características e potencialidades da pessoa com deficiência. Campanhas como estas trabalham o preconceito sobre os portadores da Síndrome de Down.

Hoje, já vemos crianças com Síndrome Down competindo em natação, como no seriado também da TV: “Caso Mulher”. Paulinha é um dos vários outros casos do Brasil, como também o é aquele jovem Down que toca piano muito bem.

Assim começa a ser divulgado o que os portadores da Síndrome de Down são capazes de fazer. Podem ser pianistas, nadadores, padeiros, pintores e muitas outras coisas mais.

“O meu vizinho tem muitos brinquedos, não sei porque sua mãe não deixa ele brincar com a gente. Diz que ele é diferente, mas não vejo nada de diferente nele. Ele anda descalço igual a nós, chuta bola como nós, chupa sorvete do mesmo sabor que nós gostamos.

Ah! Ele também gosta de animais. O cachorro dele é um poodle e o papagaio dele fala como todos os outros, até palavrão!

Outro dia ele estava jogando futebol e teve vontade de fazer xixi e foi fazer atrás da árvore como a gente faz”. (Conversa de grupo).

Como se vê, o Down é igual a todas as outras crianças. Claro que cada qual tem suas habilidades específicas, como todos os outros. Uns fazem melhor ou mais rápido. Isto, na verdade, não importa. O que importa é que eles fazem.

Se eles não aprendem de maneira igual aos outros, devemos ensiná-los de modo diferente, de maneira que eles possam aprender. Que bom que as pessoas são diferentes, por isso estamos em harmonia nos grupos! Segundo Claudia Werneck, a relação de amizade

com uma criança deficiente é sempre uma relação de troca como outra qualquer.

Relato de experiência com integração de crianças especiais

No ano de 1997 eu tive oportunidade de trabalhar como Psicóloga Escolar na Secretaria Municipal da Educação de Presidente Prudente.

Em abril de 1997, em uma das unidades onde se trabalha com pré-escola, que comporta mais de 200 crianças na faixa etária de 04 a 07 anos, foi colocada em uma classe de Pré I, uma “pessoinha” maravilhosa, que com poucos anos de vida e em poucos dias na unidade, modificava toda a sua estrutura. Fez, na verdade, um grande rebuliço.

Prestem atenção ao que vou relatar:

A Secretaria, lugar de eficientes secretárias e recepcionistas formais e precisas, foi o lugar escolhido por ele para colocar o colchonete para dormir. Ele dizia: - “Agora Fulano A dormir aqui”, e elas todas corriam e colocavam o colchonete para ele com a maior atenção e carinho pois ninguém desejava contrariá-lo. Ele é bonitinho, sorridente e manda logo beijinhos. Ah! Como ele é fofinho!

Só que 5 minutos depois, ou mesmo antes, lá estava o “fofinho”, correndo pela unidade afora e uma porção de adultos atrás dele.

Viva a vida! Viva as brincadeiras! Que baita confusão! Alegria x Desorganização! O que fazer?

E o lugar dele na sala de aulas, sempre vazio!

- Fulano, fulano, você precisa voltar para a classe. Pegavam na mãozinha de pregas dele e lá iam conversando até a sua classe. E ele só ria muito e com a mãozinha de pregas puxava a perna dessa pessoa para que abaixasse até ele e a beijava no rosto.

A unidade autoritária, cheia de regras e limites foi por água abaixo, pois apenas um portador da Síndrome de Down no meio de 100 ou mais alunos não Down modificou sua estrutura interna.

Vem enfim da Secretaria, os pedidos de orientação: “O que fazemos? Nós o amamos, mas não estamos conseguindo fazer com que ele fique na sala de aulas”.

Não parava quieto na carteira como os outros. E lá ia o Fulano, forte nos seus desejos, a brincar e andar pela unidade, fora das normas estabelecidas.

Certo dia, passando pela cozinha, notou a porta aberta. Lugar de grandes panelas, facas, fogão enorme, industrial.

A pequena criança, de apenas 4 anos, entrou este novo lugar, ainda totalmente desconhecido. Começou a exploração do ambiente, quando, de repente, apareceram várias cozinheiras, de físico bem forte, altas, gordas e robustas perto do pequeno menino.

COZINHEIRAS: Fulano A, o que quer aqui? Aqui é perigoso e tem fogo ligado. Vamos para fora.

CRIANÇA: Fulano não, Fulano não quer, respondeu o menino.

COZINHEIRAS: Vamos sim, senão eu chamo a Diretora.

CRIANÇA: Fulano A não. E balançava a cabeça.

O menino sedutor ainda não havia conquistado estas fortes funcionárias. Mais uma vez estava testando seu forte poder de conquista.

Veio a mais autoritária pegar na mãozinha, e qual foi a reação de Fulano A? Fazer esta inclinar o seu corpo em relação e ele para beijá-la no rosto.

Pronto! Foi o suficiente. Apenas um beijo para sua conquista ser realizada. Mais um ambiente comprado com um gesto comum do menino diferente. Do menino Down.

Nessa unidade como em todo o lugar onde se encontram muitas crianças, o horário e as regras devem ser cumpridas, mas isto não acontecia mais pois o Fulano A, menino sedutor e carinhoso, não só desestruturou toda a unidade, como ensinou algo muito comum e necessário: afeto e amor.

De todos os relatórios que da unidade chegavam, nenhum deles chegou às minhas mãos, ou melhor, ao meu conhecimento, que constasse algum comunicado de rejeição à criança, mas sim buscando soluções ou orientações sobre como controlá-lo em suas novas descobertas e explorações do ambiente.

É claro que para a professora foi desagradável e frustrante, pois ela conseguiu através de conquistas colocar limites em sua “turminha”, mas com “fofinho” diferente Down, não!

O que fazer? Quem consegue ficar bravo, com uma carinha redonda, olhinhos puxados, sorriso largo, olhando para ela com toda a inocência do mundo?

A professora tentou de tudo para que ele ficasse na sala de aulas, mas só conseguiu por poucos minutos. Por exemplo, nos dias em que a atividade era colar milho e feijão, ele começava a fazer, mas logo parava, largava para lá. Aí a professora tem que afastar os amiguinhos, pois eles vêm fazer a tarefa para ele e acabam deixando-a pronta.

Se não bastasse isso, ainda tem o irmão gêmeo dele, que já vem de casa como mais velho, protetor e ele aproveita todas estas vantagens e acaba fazendo exatamente o que quer, ou seja, o seu desejo.

Mas não posso deixar de relatar suas saídas de situações embaraçosas, ele logo pede para fazer xixi e corre para o banheiro, mesmo sem ter vontade. Chega ao banheiro e nada de vontade, mas é mais uma saída deste menino diferente.

Este é o Down que deu abertura para os outros Down que entrarem nesta unidade.

Os seus pais, desde o seu nascimento, vêm trabalhando para o bem estar do filho. Isto não quer dizer que não tiveram dificuldades no início. Parabéns pelo trabalho!

Nesta mesma unidade foi matriculado mais “um diferente”, isto é Down. Lembrando o livro de Cláudia Werneck, “Down na Escola”, pude observar suas semelhanças e diferenças.

Este mais novo Down na unidade é de personalidade completamente diferente, infelizmente não tão alegre como o primeiro Down, mas com a mesma Síndrome.

Fulano B. é um menino bravo, desconfiado, bastante emburrado. Chutava todas as outras crianças que dele se aproximavam. Agressivo na unidade e também na APAE onde faz terapia e acompanhamento mais específico, sendo a unidade, local para atividades lúdicas.

Junto com o famoso sedutor, aos poucos foi se entrosando na unidade.

Estes demoram mais nas organizações espaciais, mas as adquirem, como também alcançam êxito nas atividades de motricidade fina.

Hoje, após um ano e meio, a unidade volta às suas regras diárias, atividades quotidianas e junto a estas atividades constam mais três crianças diferentes, portadoras da Síndrome de Down.

O Fulano C é também uma “pessoinha” pequena, com poucos anos de vida e muito querida. Sua família vem trabalhando positivamente desde o seu nascimento. Na primeira fase, o choque. “Por que com eles?”, se nada tinham feito de mal. A verdadeira decepção, que é muito comum, acontece a quase todos os pais de portadores da Síndrome de Down e outras Síndromes. Depois, é claro, vem a fase de ir em busca das necessidades da criança: estimulação precoce, desenvolvimento terapêutico com a fonoaudióloga, psicóloga, trabalho familiar, adaptação do casal, adaptação e horário da criança. Tudo é novo com sua criança.

O pai, um pouco revoltado, calou-se para o mundo. A mãe, primeiro se chocou, mas conseguiu logo aceitação e imediatamente foi em busca do que seria melhor para seu filho. Foi então, segundo ela (SIC), que encontrou outras mães, também de Down e começaram a se reunir para conversar, trocar idéias. As que já tinham passado por esta fase, auxiliavam as outras mostrando novas esperanças no desenvolvimento da criança e assim reuniam-se sempre, juntamente com uma psicóloga, para direcionar e apoiar o grupo de mães.

Ah! Mães, mães, e os Pais?

É uma pergunta muito forte, pois o choque é para eles também. O que as mães sentem é bem provável que eles também venham sentir. Como saber? Eles, ou melhor, o pai do Fulano C, teve como reação, fugir da situação. Nada significava para ele. Ele precisava trabalhar e voltava cada vez mais tarde para casa e a cada vez tinha menos assunto, menos diálogo, menos compreensão.

Triste sim, até que um dia, ele chegou em casa e viu o filho engatinhando. Começou a prestar mais atenção e viu o filho comendo, assim foi notando que seu filho começava a fazer uma porção de coisas, como até mesmo chamar por ele: Papai.

E esses são os pais do C que frequenta uma das unidades. Ele é muito, muito expressivo, determinado em seus desejos. Rosto livre e alegre, até mesmo seu cabelo tem um corte especial, de acordo com sua vontade.

Este respeito é admirável em sua mãe. Sua vontade é mesmo respeitada e realizada, dentro dos limites e perigos. Relata ela, que ao entrar no barbeiro, ele foi explicando que seu corte de cabelo seria semelhante ao do pai. E este detalhe deu a essa criança um toque bastante informal, deixando-a ainda mais livre e mais respeitado, mostrando claramente sua individualidade.

Já é uma criança diferente, ou seja, um Down e um Down que tem desejos, curiosidades, com sua personalidade totalmente extrovertida, contagiante, conquistando com muita facilidade os coleguinhas.

Quando o conheci, pude observar sua curiosidade, a necessidade de explorar as salas de aulas. Na Secretaria, em segundos, descobriu a máquina de escrever e logo começou a manipulá-la com uma expressão de vida no olhar e rindo de felicidade pela descoberta.

Demonstra ser muito amado pela família e não apresentou dificuldade na convivência com as outras crianças.

Faz a parte lúdica na unidade e escolaridade e terapia na APAE.

Conforme se nota pelos relatos, apenas um dos portadores de Síndrome de Down apresenta maior dificuldade no relacionamento com outras crianças e o Fulano A foi quem abriu caminho para os outros Down serem aceitos com mais facilidade.

Outra criança excepcional o Fulano D é um P.C., ainda com 7 anos e meio que veio de uma instituição que realizou um bom trabalho, estimulando-o para freqüentar ensino regular.

Foi matriculado, mas não foi possível observá-lo pois só freqüentou 15 dias.

Seu primeiro dia mexeu bastante com a professora, pela insegurança que sentiu, pois nunca havia lidado com P.C. em sua vida. Já as crianças, mesmo no primeiro dia de aula, conversavam com ele sem que fosse necessário explicar “por que ele é assim?”

Muito alegre, quando chamado à lousa para qualquer atividade, ele ia rolando pelo chão.

A professora teve muitas dificuldades em enfrentar estas situações. Já a orientadora encarou o engatinhar de D. com a maior naturalidade.

Poucos dados tenho a relatar sobre D. pois sua mãe não teve condições de levá-lo à escola com freqüência, entre outras variáveis.

A respeito da quinta criança o Fulano E., só foi discutida a sua doença, ou seja, a Síndrome de Rett, pois justamente neste ano de 1998 sua mãe a retirou da unidade não sendo possível realizar a observação. Ainda assim, através de relato feito por profissionais que haviam trabalhado com ela durante o tempo em que permaneceu na unidade, relatamos os dados abaixo.

E. é uma criança portadora da Síndrome de Rett. Por algum tempo teve-se dúvida quanto a ser portadora da Síndrome de Rett ou autista, pois seu olhar era vago, perdido no espaço, seu comportamento motor era repetitivo, balançava o corpo para frente e para trás. Não andava até aos 5 anos, não se alimentava sozinha, nem tinha controle esfinteriano. Um verdadeiro bebe aos 6 anos de idade.

Através da orientação de um fisioterapeuta e a equipe, foi solicitada uma Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) especialmente para ela. Foi muito difícil conseguir uma pessoa especialmente para ela. A partir daí, com o estímulo desta ADI, E. começou a dar os primeiros passos, pois ela se colocava de frente para E. e esta confiante caminhava até sua direção. Além disto fazia Fisioterapia na UNESP.

E., segundo algumas assistentes sociais, tem um rostinho muito belo, é muito meiga, conseguindo a atenção e preocupação de todas da unidade. Sendo assim, foi adquirindo melhor atendimento.

Depois de 1 ano de trabalho, sua mãe a retirou a unidade.

Como se pode verificar, inúmeras variáveis dificultaram o atendimento rápido desta criança, fator econômico, nível intelectual da mãe, disponibilidade afetiva da mesma. Por isso, apesar de freqüentar uma unidade com vários profissionais, foi muito demorado para se saber o que E. realmente tinha (conhecimento específico de sua Síndrome). Além disso, podemos também citar como dificuldade a burocracia que ainda impede o rápido encaminhamento e andamento dos serviços de especialistas.

Finalizando, gostaria de apresentar uma colaboração de uma mãe cujo filho é portador da Síndrome de Down.

Para as Mães Especiais

Escolhendo a mãe para uma criança, Deus passa um nome para o Anjo, sorri e diz:

- "Dê-lhe uma criança com SD".

- Por que esta, Deus? Ela é tão feliz - diz o Anjo.

- Exatamente, sorri Deus - Poderia eu dar uma criança com SD para uma mãe que não sabe sorrir? Seria cruel.

- Mas ela é paciente? - pergunta o Anjo.

- Não a quero muito paciente, ou ela mergulhará num mar de autopiedade e desespero. Uma vez que o impacto do choque e

os ressentimentos passarem, ela vai saber controlar a situação. Eu a observei hoje. Tem aquela sensibilidade e independência que são tão raras e tão necessárias numa mãe. Veja, a criança que vou lhe dar terá seu próprio mundo. Ela terá que fazê-la viver no seu mundo e não será fácil.

- Mas, Deus, não tenho certeza nem se ela acredita no Senhor!

Deus sorriu:

- Não importa. Posso dar um jeitinho nisso. Esta é perfeita. Ela tem egoísmo suficiente.

- Egoísmo? Isto é uma virtude?

Deus mexendo a cabeça, responde:

- Se ela não conseguir separar-se ocasionalmente de seu filho, ela nunca sobreviverá. Sim, aqui está uma mulher que abençoarei com uma criança menos perfeita. Ela não tem consciência ainda, mas ela foi a escolhida. Ela nunca desprezará uma palavra dita. Nunca considerará um passo comum. Quando seu filho disser, pela primeira vez, "mamãe", ela presenciará um milagre e terá consciência disso. Quando descrever uma árvore ou um pôr do sol para seu filho cego, ela os verá como poucas pessoas podem ver minhas criações. Vou permitir-lhe ver claramente as coisas que eu vejo... Ignorância, crueldade, preconceito... e dar-lhe a chance de passar sobre elas. Ela nunca estará sozinha. Estarei ao seu lado a cada minuto de cada dia de sua vida, porque ela estará fazendo o meu trabalho tão bem como se estivesse aqui ao meu lado⁴.

⁴ Esta colaboração nos foi enviada por Márcia Mattos, irmã de Marlene Mattos, produtora da Xuxa. Márcia é mãe de Gabriel, um garoto de 12 anos que tem Síndrome de Down.

Bibliografia

- AXLINE, V. M. **Dibs em busca de si mesmo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982.
- LEFÉBRE, B. H. **Mongolismo: orientação para famílias**. São Paulo: Almed, 1985.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- WERNECK, C. **Coleção "Meu amigo Down"**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- _____. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- II Congresso Brasileiro sobre Educação Especial - **Educando e Inte grandando a Criança com Distúrbios de Comunicação e Linguagem**. Workshop n. 1, 4-7 de abril de 1998.